

Escola Diaconal

São Carlos, 12 de março de 2011.

Teologia Pastoral

A teologia é presente que se recebe e serviço que se presta. Dom de viver uma fé mais esclarecida. Serviço para iluminar os itinerários de irmãos nossos que se debatem na noite da dúvida e do desânimo.

O modelo de pastoral vigente centraliza a vivencia da fé na pratica sacramental dos fiéis e, por esse motivo, necessita de muitos sacerdotes que presidam os sacramentos, sobretudo a Eucaristia.

A teologia não tem outro sentido que ajudar cristãos, a comunidade, a comunidade eclesial a enfrentar, à luz da fé, os desafios da vida, da história, a teologia está a serviço da pastoral. (J.B. Libanio, Pastoral numa sociedade de conflitos).

Portanto, TEOLOGIA, significa: o termo teologia compõe-se etimologicamente de dois termos, que lhe definem já grandemente a natureza: THEÓS + logía = Deus + ciência. No centro está Deus, seu objeto principal. Qualquer reflexão teológica refere-se de alguma maneira a Deus. Ao determinar-se mais exatamente o estatuto teórico, ver-se-á como tal referencia se produz.

Teologia tem a ver com “logia”, com palavra, com saber, com ciência. Coloca-se Deus em discurso humano. Etimologicamente, significa um “discurso, um saber, uma palavra, uma ciência de ou sobre Deus”.

Definição de Teologia Pastoral: Ao se abrir um tratado sobre teologia pastoral, o primeiro passo deveria ser encontrar sua definição. Todavia, para uma disciplina teológica ainda à procura de sua verdadeira natureza, é difícil, embora possível, encontrar uma definição universalmente aceita. A teologia pastoral em sentido amplo, vista como teologia pratica, e a teologia pastoral interpretada em sentido estrito, ou seja, como ciência a respeito das ações diretas da Igreja. Pode ser definida como reflexão teológica sobre o conjunto das atividades com as quais a Igreja se realiza, com a finalidade de definir como essas atividades deveriam ser desenvolvidas, levando em consideração a natureza da Igreja, sua situação atual e a do mundo.

A teologia pastoral é entendida como ciência teológica da ação (Mette, Bäumlér e outros). “A atividade pastoral é tipicamente relação pastoral de ajuda”. R. Spiazzi, ao procurar a fisionomia exata dessa disciplina, chega à seguinte definição: “A teologia pastoral é a ciência teológica da cooperação ministerial da Igreja com o plano divino da salvação”.

Os modelos históricos da trajetória Eclesial

A Pastoral Profética: a Igreja como mistério de comunhão – esse modelo de ação e o modelo eclesiológico decorrente dele são típicos da Igreja antiga, que compreende todo o período patrístico (do século II ao início do século VII no Ocidente e século VIII no Oriente), ainda que, com o advento da era constantiniana (século IV) e do agostinismo (século V), já começa a se perfilar o modelo de “cristandade”. O modelo eclesiológico desse período é concebido a partir da ação; o modelo do período seguinte se sobreporá a ela.

A Pastoral Sacramental: a Igreja como Corpo de Cristo (Mater Regina) – esse modelo tem suas raízes no giro constantiniano do século IV e no agostinismo do século V. O primeiro significou uma profunda mudança na vida da Igreja, tanto em sua concepção interna como em sua configuração externa. Ficaram para trás a intolerância, a ilegitimidade e a perseguição. O eclesial, o império e o geográfico começariam a tecer laços que configurariam o modelo eclesial da cristandade medieval. O segundo fator – o agostinismo – fará da civitatis Dei (cidade de Deus) o horizonte de um modelo que legitimará, por um lado, a intervenção do Estado na vida da Igreja e, por outro, a Igreja como suporte ideológico do Estado.

A Pastoral Coletiva: a Igreja como sociedade perfeita – tal período compreende dois momentos distintos, dentro de um mesmo projeto apologético: o primeiro faz frente à Reforma Protestante com a Contra-Reforma católica; o segundo, tomando posição diante da Modernidade, promoverá a emancipação do ser humano e do mundo em relação a teocracia reinante. Dois Concílios teceram o modelo eclesiológico desse período: o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano I. Um colocando de pé um movimento em prol de uma “segunda escolástica” e o outro, de uma “terceira escolástica”, o que realmente acontecerá.

A Pastoral de Conjunto: a Igreja como Povo de Deus – a pastoral de conjunto e a eclesiologia “Povo de Deus” caracterizam o período de pós-cristandade oficializado pelo Concílio Vaticano II (LG, nn. 9-14).

A Pastoral de Comunhão e participação: a Igreja como eclesiogênese – é o modelo criado pela Igreja na América Latina e no Caribe, na perspectiva de uma “recepção criativa” do Concílio Vaticano II. Diferentemente da Igreja em outros continentes, os padres conciliares da América Latina não deram grande contribuição ao evento do Concílio, mas, durante sua realização, assimilaram seu espírito e, voltando aos seus países, antes de ponto de chegada, fizeram dele um ponto de partida para a ação eclesial e a reflexão teológica. A Igreja no continente, à luz da opção preferencial pelos pobres, recebeu e aprofundou as intuições do Concílio, acolheu suas teses e, de acordo com as necessidades concretas de seu povo, ampliou seus horizontes de aplicação.

Resumindo – em cada época, a Igreja depara-se com desafios concretos a responder. Ela o faz dentro das condições e dos parâmetros culturais de cada época, o que acaba configurando “modelos” de ação e de Igreja distintos.

Hoje

Pastoral da Palavra:

- a Teologia do Anuncio: “Uma comunidade religiosa que parasse de pregar não poderia ser a verdadeira Igreja de Cristo”. Desta maneira: formas de anuncio; o conteúdo do anuncio; o pregador e os ouvintes.

Pastoral Litúrgica (princípios teológicos; catequese sacramental (iniciação, batismo, confirmação, penitencia, matrimônio, doença e morte):

- liturgia é o culto publico integral, exercido pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, ou seja, pela Cabeça e por seus membros, na qual os sinais sensíveis significam e, cada uma a seu modo, realizam a santificação do homem (SC 7).

Pastoral do Serviço Cristão:

- Caridade: geralmente se entende por caridade a ajuda eclesial organizada, mas, para sua compreensão, para sua justa avaliação a sua inserção na pastoral, é importante o complexo significativo teológico e eclesiológico de “caridade”.

A caridade não pode ser entendida e identificada simplesmente com o amor humanitário, mas, transcendendo o bem-estar terreno, visa à salvação do homem todo.

Os tempos fortes para a sensibilização são aqueles oferecidos pela vida religiosa normal da comunidade cristã: a assembléia eucarística semanal, a celebração dos sacramentos, os tempos fortes do ano litúrgico e em particular o Advento e a Quaresma.

A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira. O amor _ “caritas” _ é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta.

Pastoral de Base:

- indica-se com o termo “base” uma nova atenção ao povo como tal. Na perspectiva eclesiológica, a base não é senão um tecido cristão elementar, uma microcomunidade. Na perspectiva cristológica, a base encontra-se em cada pessoa cristã, que, agindo como um “outro Cristo”, põe em movimento um dinamismo eclesial implícito.

As estruturas de base são: a pessoa, a família, a comunidade de base, a paróquia, o presbitério paroquial, o conselho pastoral paroquial, a assembléia, os grupos, as associações.

Igreja-mundo:

- se a pastoral deve ser entendida como ação eclesial em relação aos homens, ela não pode ignorar os conhecimentos antropológicamente importantes da sociologia a respeito dos homens e de sua realidade.

Caritas (como organismo)

Diocesano ou paroquial envolve-se com os clamores do povo, que buscam um lugar ao sol. Deve estar atento para que os abismos que separam a sociedade e as estratifica (categorias e classes), possam ser diminuídos.

No nível Diocesano, precisa se criar um rosto social. A preferência pelos pobres deve conduzir a Diocese ao Cristo servo. A conseqüência desta atitude de fé e coragem faz com que as paróquias assumam o seu papel na sociedade, lavar os pés uns dos outros.

Fontes bibliográficas:

Carta Encíclica – Caritas In Veritate – do Sumo Pontífice Bento XVI – documento 193. Paulinas.

Estudos da CNBB – 92 – Caritas Brasileira – 50 anos promovendo solidariedade. Paulus.

Teologia e Pastoral – Homenagem ao Pe. João Batista Libanio – Johan Konings, SJ – organizador – Ed. Loyola.

Introdução à Teologia Pastoral – Mihaly Szentmártoni – Edições Loyola.

A Pastoral dá o que pensar: a Inteligência da prática transformadora da fé – Agenor Brighenti – Paulinas – Siquem.

Introdução à Teologia, perfil, enfoques, tarefas – João Batista Libanio, Afonso Murad – Edições Loyola.